Hamsa

Journal of Judaic and Islamic Studies

5 | 2019

Muslims and Jews in Latin America

Muçulmanos e árabes num espaço plural – uma perspectiva multidisciplinar

Filomena Barros, Cristina Maria de Castro e José Alberto Tavim

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/hamsa/337>

DOI: 10.4000/hamsa.337

ISSN: 2183-2633

Editora

CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

Referência eletrónica

Filomena Barros, Cristina Maria de Castro e José Alberto Tavim, «Muçulmanos e árabes num espaço plural – uma perspectiva multidisciplinar», *Hamsa* [Online], 5 | 2019, posto online no dia 31 março 2019, consultado o 16 setembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/hamsa/337> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/hamsa.337>

Este documento foi criado de forma automática no dia 16 setembro 2021.

Hamsa est mise à disposition selon les termes de la Licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Muçulmanos e árabes num espaço plural – uma perspectiva multidisciplinar

Filomena Barros, Cristina Maria de Castro e José Alberto Tavim

- 1 O tema deste volume 5 da revista *Hamsa* propõe uma abordagem sobre os muçulmanos e judeus na América Latina. Dividida esta responsabilidade entre os dois editores, Cristina Maria de Castro, para os primeiros e António de Abreu Xavier, para os últimos, o resultado final consubstanciou uma pluralidade de análises, especialmente marcada pela multi e interdisciplinaridade, do contexto histórico ao registo biográfico ou, ainda, à sociologia das religiões. O conjunto de artigos sobre árabe-muçulmanos, que configura este primeiro esboço analítico, convoca, desde logo, uma transversalidade que baliza uma parte significativa dos discursos, na reiterada assunção dos parcos estudos existentes sobre estas comunidades¹. Samira Adel Osman refere, de resto, a relativa hodiernidade das pesquisas sobre os muçulmanos no Brasil, posteriores ao 11 de Setembro e concentradas nas áreas de Antropologia, Sociologia e Ciências da Religião, com pouca expressividade, ainda, no campo histórico². A presença ténue dos muçulmanos na América Latina (como a define Ken Chitwood) pode contribuir para esta situação de uma menor visibilidade destes grupos, embora, como o propugnam Batie Siebzehner e Leonardo Seukman, a renovação religiosa, em geral, tenha adquirido uma maior presença no espaço público latino americano. Os números sobre os muçulmanos são, de resto, variáveis e controversos, como o provam as diferentes estimativas fornecidos para o conjunto da América Latina, por Samira Adel Osman ou, no caso concreto da Argentina, por Ken Chitwood - cujos valores oscilam entre os 50.000 e os 900.000 indivíduos, propondo o Centro de Altos Estudos Islâmicos um número em volta dos 450.000, na sua maior parte sunitas.
- 2 Para mais, os próprios conceitos detêm matizes específicos, na análise da realidade em questão. Com efeito, o *muçulmano* alcança uma conotação mais ampla, extravasando o mero significado religioso e projetando-se para além da semântica do vocábulo. A similitude com a realidade vivenciada no séc. XIX e inícios do XX, em que o *turco*,

enquanto designação homogeneizadora, se aplicava indiferentemente a qualquer imigrante proveniente do império otomano, extraverte aquela estrita noção religiosa neste conjunto de trabalhos. Os artigos de José Najar e de Nestor Catallan veiculam esta perspectiva, através da análise de grupos migrantes respectivamente da comunidade síria em São Paulo e, da palestina, na Guatemala. Em qualquer caso, comunidades afins na sua pertença à cultura árabe, como, ainda, na sua pluralidade religiosa, em que, a uma maioria cristã, se congregam também muçulmanos e judeus. Neste sentido, de resto, no Brasil (como parece ocorrer nos demais países latino americanos), esta imigração árabe de distintos subgrupos culturais, vinculados às diferentes levadas migratórias, e com variáveis adscrições religiosas, conduz, ainda no Presente, a uma subalternização oficial da afiliação religiosa, permanecendo o islão numa situação de invisibilidade como religião minoritária de imigrantes.

- 3 A interseção cultural desta confluência multirreligiosa árabe complexifica a problemática da dissociação, que refere António de Abreu Xavier, entre os elementos coletivo-espaço e uma distinção individual entre pertença cultural e cidadania nacional. Processo que estes estudos convocam em espaços tão diversos como o Brasil, a Guatemala, a Argentina, Trinidad ou, mais especificamente, a região da “Tríplice Fronteira” (entre o Paraguai, a Argentina e o Brasil), invocada, enquanto argumento ideológico, no texto de Ken Chitwood. Espaços a que corresponde uma latitude temporal balizada entre a centúria oitocentista e o século 21.
- 4 Samira Adel Osman, no perscrutar de uma bibliografia que responda ao seu imediato objetivo - o de uma breve síntese histórica sobre os muçulmanos do Brasil -, percorre um percurso cronologicamente mais lato do que o dos demais autores, que, do islão da escravidão, do séc. XIX, se estende ao Presente. O artigo, parte de um projeto em desenvolvimento sobre Árabes e Muçulmanos no Brasil, aposta numa metodologia que cruza o levantamento bibliográfico sistemático (nomeadamente de teses e dissertações sobre esta temática) com a elaboração e aplicação de um questionário às instituições islâmicas no território brasileiro. Dois pressupostos teórico-metodológicos balizam esta pesquisa: o de que os progressos da história repousam essencialmente sobre uma lógica da acumulação, de instrumentos de trabalho e de dados, numa mobilização de documentação que se subordina, contudo, ao questionário específico do historiador; o do paradigma indiciário, defendido por Ginzburg, que implica “percorrer diferentes campos disciplinares, trabalhar com diversas fontes documentais, realizar pesquisas de campo, descrever fatos”, vetor particularmente premente para a temática em análise, afetada sobremaneira pela falta de documentação escrita.
- 5 O texto desenvolve-se, pois, num registo essencialmente descritivo. Primeiro, numa partição étnica entre muçulmanos não-árabes (negros muçulmanos, no séc. XIX, conversos, imigrantes muçulmanos provenientes da África e da Ásia), e árabes (indivíduos de imigração mais pretérita, que se autoidentificam como “ibn arab”), convocando os fenómenos de des-arabização e de des-etnicização do islão brasileiro. Depois, entre muçulmanos sunitas, xiitas e outras comunidades, de drusos, alauítas e sufistas. Finalmente, um último item remeta para a análise das instituições religiosas e culturais desses grupos (para além das mesquitas) que, de facto, melhor traduzem as respetivas e diferenciadas expressões identitárias culturais e religiosas.
- 6 Desta proposta de síntese histórica, os restantes textos sobre a realidade árabe-muçulmana desdobram-se em análises mais circunscritas. Cronologicamente, o final do século 19 enquadra o artigo de José Najar, numa proposta de análise dos conflitos

intracomunitários entre os imigrantes otomanos na cidade de São Paulo. Indivíduos, mais do que atores coletivos de uma comunidade homogênea, justamente porque estes imigrantes revelam uma grande diversidade étnica e religiosa, cujas fontes históricas não permitem, em grande medida, elucidar. A comum origem e afiliação religiosa deveriam, contudo, implicar redes de contacto, que se expressam na atividade preferencial a que se dedicavam, o comércio, como vendedores ambulantes ou na sua dimensão de elite empresarial.

- 7 O estudo de caso, baseado em 59 registos policiais, balizados entre 1887 e 1889, explora os conflitos comerciais entre esses imigrantes e a forma como buscaram a intervenção da república positivista brasileira e da sua reformada polícia para mediar essa conflitualidade. Emergindo como cidadãos *brancos*, numa sociedade hierarquizada em função da percepção da superioridade europeia, esses indivíduos foram associados a crimes comerciais, justamente característicos desses mesmos *brancos*, pois tinham acesso a espaços económicos e sociais ainda excludentes dos que o não eram (pese ao fim do escravagismo). O texto desenrola-se, assim, numa análise centrada na relação entre esses imigrantes otomanos a o estatuto de cidadania, na noção de conflito, na extrapolação da criação dos “crimes de *brancos*”, e, finalmente, na “negociação da verdade”, através da escrita dos depoimentos policiais, modelada “por manuais com itinerários específicos de significado”, que estruturaram e filtraram as narrativas do conflito e da sua resolução através das lentes de formulários profissionalizados. Em suma, como o refere o autor, este estudo de caso “ilustra o exercício destes novéis cidadãos nos seus recém adquiridos direitos, aprendendo, em conjunto, como tornar-se cidadãos brasileiros.”
- 8 Alguns pontos em comum aproximam este texto do de Nestor Catallan, sobre a segunda leva de imigrados palestinos na Guatemala, desta feita datada já de inícios do século 20 (1927), na continuidade de uma primeira fixação na centúria anterior. Por um lado, pela própria temática de uma imigração árabe que, pela sua própria natureza, ultrapassa, como foi acima referido, o estrito conceito de *muçulmano*, evidenciando-se, como no caso anterior, a diversidade na adscrição religiosa. No segundo, por se constituir uma comunidade similar à brasileira na ocupação de um espaço intersticial da emergente sociedade capitalista, o nicho económico proporcionado pelo comércio.
- 9 O artigo inicia o seu percurso pelo contexto histórico da migração palestina para a Guatemala e Centro América, através da análise das políticas migratórias dos governos liberais, da crise do império otomano, e da pressão da migração judia europeia para a Palestina, antes da Primeira Guerra Mundial. Foca-se depois, no comércio, enquanto o ramo de atividade preferencial dos imigrantes palestinos, analisando as suas condições e contexto na América Central, para direccionar-se, depois, para as condições específicas desta inserção na Guatemala, enquanto “diáspora de êxito”. Prossegue com o estudo da família Abularach, uma das linhagens pioneiras desta migração, para entrar, então, na temática central do texto, a segunda migração de palestinos para a Guatemala, em 1927, analisando as condições de chegada - através do navio alemão “Rugía” que, do porto mediterrâneo de Haifa, se dirigia para o Caribe venezuelano -, os componentes dessa leva migratória e os problemas com que se depararam, enquanto estrangeiros e elementos concorrenciais no ramo comercial. Termina com as proibições da “era de Ubico”, o governo de Jorge Ubico Castañeda, “simpatizante dos regimes fascistas europeus e seguidor das políticas eugenésicas”, com a sua Lei de Imigração (*Ley de Extranjería*) de 1936, e, em que medida, ela afetou a comunidade palestina.

- 10 Uma diferente perspectiva infere o texto de Ken Chitwood, na proposta de análise da ideologia inerente à “Guerra ao Terrorismo” global, liderada pelos Estados Unidos, e à sua específica ligação com a América Latina e as Caraíbas. O autor advoga que o essencialismo intrínseco ao próprio conceito cria uma nova geografia e iconografia do terror, que constrói os muçulmanos como o *outro*, um ser *a priori* suspeito e temido, numa imanente ligação entre islão e terrorismo – noção que, de resto, se ampliou para a América Latina e o Caribe. Imagem que surge de preconceitos de longa data, numa combinação de fatores históricos, que combinam tanto o orientalismo como o secular medo aos *Mouros*, dos espanhóis. Assim, a perceção dos muçulmanos é ideologicamente construída numa cidadania de subalternos, através de “políticas estatais xenofóbicas, novos regimes de cidadania e perfis raciais e religiosos”.
- 11 O texto inicia-se com o exame dos discursos retóricos dos políticos e dos media em torno da “Guerra ao Terrorismo” global e do seu reflexo na América Latina e nas Caraíbas, enquanto zonas pretensamente envolvidas em atos que a justificam. Desenvolve-se na análise de três espaços convocados neste contexto: a Trinidad e Tobago, com o golpe do grupo salafista Jamaat al-Muslimeen, em julho de 1990; a Argentina, pelo atentado à embaixada de Israel, em 17 de março do mesmo ano, e, em julho de 1994, ao Centro Comunitário Judaico de Buenos Aires (Asociación Mutual Israelita Argentina) - caso ainda hoje controverso, pese à acusação oficial, em 2006, de oito funcionários iranianos, por terem orquestrado e executado o ataque; finalmente, a *Tríplice Fronteira*, região em que se encontram a Argentina, o Paraguai e o Brasil, pela reiteradas alegações, nas últimas décadas, por parte de políticos e dos media, como um refúgio seguro para terroristas estrangeiros e células islâmicas adormecidas. O autor conclui evocando a islamofobia, como o medo irracional e prejudicial, que continuamente agrava os estereótipos negativos do Muçulmano. Sem ser criado por nenhum partido ou país em especial, alega o autor, as posições tomadas pelos políticos, grupos de reflexão e organismos regionais norte-americanos têm impacto na vida dos muçulmanos que vivem nas Américas, sujeitando-os a sentimentos de marginalização e de suspeita.
- 12 O texto de Batia Siebzezhner e de Leonardo Senkman introduz um outro registro, o comparativo, entre os processos de conversão ao islão e de retorno ao judaísmo, em Buenos Aires e São Paulo, fenómenos da mutável paisagem das crenças religiosas na América Latina, desde as últimas décadas do século passado. Na legitimação desta proposta – pese à diferença entre o que representa o retorno à ortodoxia e a conversão – subjaz o pressuposto de uma comum mudança profunda no sistema existencial e na visão de vida. Metodologicamente, o artigo remete, como fonte empírica, para o trabalho de campo, limitado a cinquenta entrevistas realizadas, inserindo-se num projeto de âmbito mais vasto, ainda em curso (como se verifica no caso de Samira Adel Osman). Como o referem os seus autores, o texto consigna uma etapa que permite, através de uma análise indutiva, identificar “tanto características similares como diferenciais capazes de contribuir para o entendimento da dinâmica e da estrutura das pautas da renovação de tradições religiosas monoteístas”. Não, ainda, como sublinham, estabelecer hipóteses gerais ou um marco teórico compreensivo “para entender o processo, na sua complexidade nada unívoca”.
- 13 Neste sentido, o artigo, depois de uma introdução metodológica e teórica, debruça-se sobre o islão e o judaísmo na América Latina, os conceitos e a análise de conversão e retorno, a transição das novas comunidades de pertença, a problemática das fronteiras,

na sua expressão de tensão geracional, matrimónio e socialização, finalizando com algumas reflexões comparativas preliminares. “A forma de viver uma vida significativa” sobressai nos discursos dos entrevistados, tanto dos conversos ao islão, como dos retornados ao judaísmo. Para estes últimos, de resto, a ortodoxia representa não apenas um desafio ao secularismo, como também uma responsabilidade histórica na continuidade do judaísmo autêntico. Em qualquer caso, ambos consubstanciam um fenómeno geral de subjetivação do crer ou de privatização das crenças religiosas que se desenvolvem paralelamente à quebra do monopólio católico.

- 14 No seu conjunto, esta mescla de artigos convoca uma ideia de viagem, nas suas múltiplas conotações. Viagem literal, nas imigrações, forçadas ou voluntárias, de escravos islamizados e de árabes para a América Latina (como se regista nos textos de Samira Adel Osman, José Najar e Nestor Catallan), ou, no seu sentido simbólico, na difusão de ideologias (no de Ken Chitwood) ou na transposição de fronteiras religiosas (no caso de Batia Siebzeher e de Leonardo Senkman). Uma viagem, em qualquer caso, intelectual, quer dos trabalhos ainda em projeto, quer das análises completadas *de per se*. Em qualquer caso, terminada a jornada da *Hamsa* 5, pretende-se que esta viagem prossiga enquanto desafio e motivação para outros estudos que aprofundem e aproximem cada vez mais o âmbito dos estudos judaicos e islâmicos, sobretudo numa perspectiva comparativa.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Cristina Maria de, “A construção da identidade muçulmana: um enfoque comparativo entre duas comunidades paulistas”, *Revista de Ciências Sociais*, 57.4 (2014), pp. 1043-1076. <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201432>.

Istor: revista de historia internacional, 45 (2011) [dossier: *El Islam en América Latina*].

NARBONA, Maria del Mar Logroño, PINTO, Paulo G., KARAM, John Tofik (org.) *Crescent Over Another Horizon: Islam in Latin America, the Caribbean and Latino USA*, Austin, University of Texas Press, 2016.

NOTAS

1. Podemos apontar algumas raras iniciativas dedicadas à temática do islão na América Latina como um todo, a saber, Narbona, Pinto & Karam (org.) *Crescent Over Another Horizon: Islam in Latin America, the Caribbean and Latino USA*, Austin, University of Texas Press, 2016; e o Dossiê *El Islam en América Latina*, publicado pela revista de história internacional, *Istor*, em 2011.

2. Para uma sinopse destas contribuições, no Brasil, até 2014, ver: Cristina Maria de Castro, “A construção da identidade muçulmana: um enfoque comparativo entre duas comunidades paulistas”, *Revista de Ciências Sociais*, 57/nº4 (2014), pp. 1044-1045.